

As correspondências como fontes históricas sobre a atuação e a rede de relações de José Marianno de Mattos na Revolução Farroupilha (1835-1845).

Letícia Marques.

Cita:

Letícia Marques (2013). *As correspondências como fontes históricas sobre a atuação e a rede de relações de José Marianno de Mattos na Revolução Farroupilha (1835-1845)*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/330>

**AS CORRESPONDÊNCIAS COMO FONTES HISTÓRICAS SOBRE A
ATUAÇÃO E A REDE DE RELAÇÕES DE JOSÉ MARIANNO DE MATTOS
NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-1845)**

Leticia Rosa Marques

Doutoranda em História (Bolsista CNPq)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – Brasil.

. E-mail: leti_rmarques@yahoo.com.br

Em uma sociedade como a do Brasil na primeira metade do século XIX, onde a escravidão ainda se fazia presente e que a liberdade, tão almejada pelos negros, era apenas um sonho distante, a presença de homens considerados mulatos a frente de um movimento, participando das principais decisões da Farroupilha (1835-1845), se torna um importante objeto de reflexão, possibilitando uma maior compreensão dos elementos políticos, econômicos e sociais deste período. Assim, o presente trabalho¹ ao trazer como fontes principais correspondências da Revolução Farroupilha (1835-1845), busca através do estudo da trajetória do mulato José Marianno de Mattos compreender alguns dos espaços de circulação encontrados pelo mesmo junto a este movimento.

Carioca e militar, Mattos faz parte dos indivíduos não Rio-Grandenses envolvidos com a causa Farroupilha. Considerado um dos responsáveis pela sua eclosão, o então mulato, manteve laços de amizade muito estreitos tanto com Domingos José de Almeida, quanto com Bento Gonçalves da Silva, importantes líderes farrapos.

Desta forma, este artigo tem como objetivo maior traçar através deste personagem, suas redes de relações e como estas foram sendo acionadas durante o período da Farroupilha, agindo assim como um facilitador para que Mattos alcançasse determinados postos e/ou cargos como Deputado da Província, Ministro da Guerra, da Marinha e do Exterior, Vice-Presidente da República Rio-Grandense e Presidente em Substituição a Bento Gonçalves em algumas passagens de período entre 1839 a 1841.

Pontuando brevemente a trajetória de Mattos no movimento farrapo, buscamos entender o espaço de atuação encontrado pelo mesmo neste período, onde sua cor embora lembrada em algumas situações por seus inimigos, não se apresentou como um

¹ Este artigo é resultado de reflexões elaboradas no trabalho de dissertação de Leticia Rosa Marques (2013) intitulado: *José Marianno de Mattos: Conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha (1835-1845)*.

impedimento para que este conseguisse ascender militarmente e socialmente, estando em cargos almejados por muitos farrapos.

Sendo assim, as cartas em que José Marianno de Mattos é autor ou receptor se tornam fontes privilegiadas, uma vez que permitem uma compreensão dos diferentes vínculos pessoais e políticos estabelecidos neste período, à intensidade das relações, seu conteúdo, podendo indicar como este personagem fortaleceu laços com o movimento farrapo e conseguiu se inserir em cargos que muitas vezes a historiografia silenciou que fossem ocupados por “homens de cor”.

Um mulato no movimento farrapo

O Brasil da primeira metade do século XIX tem em sua história, a presença de conflitos regionais, que através de seus movimentos reivindicaram interesses particulares e coletivos de diferentes partes do Império. Conhecida por ser um dos mais longos conflitos civis brasileiros, a Revolução Farroupilha (1835-1845) se caracterizou e foi motivada por fatores como a condição fronteiriça e militarizada, a insatisfação com o governo regencial e a difusão das ideias liberais exaltadas, que concentradas em um contexto de descontentamento com o poder Imperial, mobilizou diferentes grupos e personagens no sul do Brasil.

Os farrapos, que eram integrados por estancieiros, charqueadores, militares, escravos², entre outros, foram lembrados ao longo dos anos, principalmente por uma historiografia regional, que buscou com o passar do tempo, esclarecer aspectos importantes da sociedade do período Imperial, como também colaborar na construção/afirmação de uma identidade e de capítulos do que consideravam ser um dos mais importantes episódios da História do Rio Grande do Sul³.

² A presença destes no movimento, ganhou destaque com alguns estudos sobre o Corpo de Lanceiros Negros, no qual negros e mulatos ingressaram como soldados na Cavalaria, quanto na Infantaria Farroupilha, sendo um dos principais responsáveis pelo prolongamento, ao longo de quase 10 anos, da então República Rio-Grandense. Sobre a participação dos negros na Revolução Farroupilha ver: Margaret Bakos (1985) Moacyr Flores (2004), Daniela Vallandro de Carvalho e Vinicius Pereira de Oliveira (2009), Juremir Machado da Silva (2010).

³ Segundo Sandra Pesavento (1985), a Revolução Farroupilha foi o evento político-militar que maior atenção recebeu da historiografia tradicional, que “ressaltava a bravura de seus líderes e descrevia os numerosos – e às vezes pitorescos – incidentes do conflito que se prolongou por dez anos” (PESAVENTO, 1985: 5).

Sem a pretensão de aprofundar a discussão referente à abordagem empregada pela historiografia da Revolução Farroupilha e o simbolismo a ela atrelado⁴, buscaremos enfatizar neste texto que embora muitas questões já tenham sido levantadas sobre esse movimento, personagens e histórias continuam silenciados⁵, permitindo que aspectos ainda sejam esquecidos⁶, e pontos importantes de um Brasil em construção, pouco explorados.

Neste artigo trazemos à luz cartas do período da Revolução Farroupilha que nos possibilitam evidenciar o envolvimento do mulato José Marianno de Mattos no movimento farrapo e como o estabelecimento de redes, com vínculos de “amizade” foram elementos fundamentais ao longo de sua trajetória militar e política.

O exercício de estudar partes/fragmentos⁷ da história de José Marianno de Mattos nos faz transitar por diferentes espaços/cargos no movimento farrapo, nos evidenciando que a atenção destinada à análise do caminho trilhado por um personagem, suas atuações e seus envolvimento políticos e sociais, de alguma forma, sempre contribuem nas reflexões sobre a organização de um movimento, de uma região e de um país.

Assim, lembrando que “o indivíduo, por mais excepcional que seja, não pode escapar ao que o rodeia” (SOBOUL, 1967: 26-27), e enfatizando a importância que os estudos relacionados à micro-história⁸ trouxeram a pesquisas históricas, o uso de uma trajetória como a de José Marianno de Mattos neste trabalho justifica-se, uma vez que

⁵ Ao fazermos referência ao silêncio existente na historiografia, compreendemos o quão necessário são as novas leituras e o rompimento com esta política que se manteve por muito tempo presente em alguns estudos. Eni Orlandi ao se posicionar em relação a este assunto, lembrará que a influência de uma “política de silenciamento” na narrativa teve um peso um tanto que prejudicial à história, pelo fato, principalmente “[...] de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1993: 75).

⁶ Vale lembrar que os negros e mulatos foram alguns dos diversos personagens que, inicialmente, receberam pouca atenção por parte da historiografia que estudou o XIX e que, assim como tantos outros que ainda continuam esquecidos, colaboram através da sua história para uma maior compreensão da sociedade do Brasil Imperial.

⁷ Assemelhando-se em alguns aspectos a um estudo de caráter biográfico, ao nos propormos acompanhar a atuação de Mattos no movimento farrapo, transitando entre sua vida social e política, apresentamos apenas algumas facetas de sua história, muitas vezes de forma não linear, o que se torna justificável ao nos apropriarmos de Bourdieu (1986: 185) quando este enfatiza que “[...] tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica”.

⁸ Surgindo inicialmente como resultado do trabalho de alguns historiadores italianos, segundo Revel (1998:16): “A micro-história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos”. Para Giovanni Levi (1992:139): “O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados.

[...] a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais eles se inscreve (REVEL, 1998: 21).

Partindo do conceito de rede social exposto por José Mateo (2001:43), que o compreende como “[...] aquel conjunto constituído por un número definido de personas unidas por vínculos con contenidos específicos y con valores adscriptos a ellos”, este artigo ao propor destacar alguns dos vínculos estabelecidos por Mattos, se utilizará de correspondências, principalmente as que integram a conhecida coleção Varella (publicada pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul) e alguns documentos referentes ao período da Revolução Farroupilha⁹. As referidas cartas ao serem analisadas, possibilitam o mapeamento de algumas relações presentes nesse período, tanto no que se refere a aspectos políticos, econômicos, sociais, como também familiares, permitindo o contato com diferentes tipos de informação. Mas além disso as correspondências em que José Marianno de Mattos é autor ou receptor, nos fornecem indícios¹⁰ para o que se apresentou como nosso questionamento maior: Como Mattos foi estreitando seus laços com o movimento farrapo e se distanciando do Império, e de como este então mulato conseguiu se manter em posições de comando neste período.

Nascido no Rio de Janeiro em 1801, Mattos teve sua filiação pouco aprofundada pela historiografia. Através de correspondências da época em que se desenvolveu o movimento farrapo, encontramos cartas de sua mãe, Ana Flávio de Mattos, e de um de seus irmãos Luis Briano de Mattos.

Essa análise se torna mais instigante se levarmos em consideração o fato de que

⁹ Mas considerando que as correspondências se tornam fontes privilegiadas, não só pela preciosidade de assuntos que as envolvem, mas também por permitirem o contato com outros tipos de fontes, ainda nos utilizamos neste trabalho de documentos tais como fês-de-ofício (Arquivo Histórico do Exército do Rio de Janeiro), registros de matrimônio (Arquivo da Cúria), correspondências aos Presidentes das Províncias (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul), Fundo das Autoridades Militares (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul), jornais do período, entre outros, que, somados a esta pesquisa, proporcionam o acesso a maiores informações sobre este personagem.

¹⁰ Ao defender o uso das correspondências como importantes fontes para a pesquisa histórica e a relação direta que esta mantém como o seu locutor, Ângela de Castro Gomes (2004), em *Escrita de si, escritas da história*, traz importantes contribuições, ao fazer referências à utilização da escrita epistolar. Para a referida autora, o uso das missivas é “[...] uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos” (GOMES, 2004: 19). Vínculos esses também abordados por Imizcoz (2004: 25), em *Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global*, que, ao fazer uma defesa pelo uso das correspondências como elemento necessário para a compreensão e o conhecimento das redes sociais, justifica que “[...] una buena parte de sus miembros y de sus relaciones se mueven en territorios muy diversos y en que, para sus negocios, carreras y trayectorias, se comunican entre ellos mediante cartas”.

Mattos não era rio-grandense, mas carioca, ou seja, vindo de uma sociedade ainda mais marcada pela presença de negros e pela miscigenação; e que este não era branco, mas mulato.

Ingressando como soldado na Academia Real Militar (1819), Mattos encontrou nessa instituição, a possibilidade de se inserir em melhores postos. Aumentando o seu conhecimento e adquirindo formação, o tempo em que Mattos serviu as forças imperiais possibilitou um importante aprendizado e uma experiência na carreira militar, o que viria a ser um diferencial ao longo de sua trajetória.

Ponderando ainda o fato de Mattos ser um homem letrado, e de que as promoções poderiam seguir critérios como merecimento, “[...] visto que a lei só manda premiar serviços relevantes, e não por antiguidade ou preterição [...]”¹¹, evidencia-se que algumas oportunidades foram por Mattos utilizadas, colaborando para que, quando saísse do Rio de Janeiro, o mesmo já estivesse em uma situação favorável socialmente.

Destacando a fala de Adriana Barreto de Souza (1999:43), quando esta coloca que “numa sociedade alicerçada sobre valores aristocráticos, os líderes militares tinham lugar cativo na composição grupo da elite política”, entende-se que Mattos conseguiu dialogar com esses espaços sociais, onde começou a ter um contato maior com o então Rio Grande de São Pedro a partir de 1830¹², quando nesta região se estabeleceu, vindo então já promovido a Major¹³.

Vinculado ao Quartel da Villa de Rio Pardo¹⁴ nos anos antecessores à Revolução Farroupilha, onde comandou o 1º Corpo de Artilharia a cavalo, José Marianno de Mattos, ao se inserir neste espaço privilegiado, manteve relações diretas com a localidade, entrando diretamente em contato com as questões político-econômicas e com a situação de descontentamento que se consolidava na região perante o Império.

A ligação de José Marianno de Mattos com a Revolução Farroupilha aconteceu desde o seu início, uma vez que Mattos foi um dos responsáveis pela eclosão do movimento. Nos anos que antecederam a Revolução Farroupilha, foi alvo de críticas de José Mariani, em correspondência destinada ao Marechal-de-Campo Sebastião Barreto

¹¹ Palácio do Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1838 = Sebastião do Rego Barros. Caderno de Correspondências, Assunto: promoções militares, Série: Revoluções internas, Sub série: Guerra dos Farrapos, Arquivo Histórico do Exército na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

¹² Importante ressaltar que José Marianno de Mattos esteve em um período anterior a 1830 na Província de São Pedro, nos anos de 1827 a 1829, designado pelo Exército.

¹³ Rascunho de Fé-de Ofício de José Marianno de Mattos, Arquivo Histórico do Exército na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

¹⁴ Vale lembrar que Mattos fez história nesse quartel, ao estar sob seu comando durante o período de 1831 a 1835, sendo o primeiro comandante do que hoje é conhecido como “Regimento Mallet”.

Pereira Pinto, do dia 29 de outubro de 1833, onde Mariani, ao se referir a Mattos, declara:

O procedimento deste oficial faz-se tanto mais estranhável quanto naquele mesmo dia tendo prevenido a V. Exa. que dispusesse a tropa da guarnição da cidade para manter a tranqüilidade pública ameaçada por aqueles inquietos homens, ele não só não se achava no seu quartel [1v.], mas até com a sua presença dava maior importância a um ato que nunca deveria prestar-se.¹⁵

Lembrando que Mattos, antes de ser enviado a Porto Alegre, esteve exercendo posição de comando no Quartel de Rio Pardo, e que esta localidade foi um ponto em que o partido farroupilha teve um poder de ação muito forte, foi a partir deste espaço que Mattos começou a se envolver mais diretamente com a causa republicana e o movimento farrapo conquistou seu apoio¹⁶.

Mas o interessante de analisarmos são os laços de amizades estabelecidos por José Marianno de Mattos tanto com Domingos José de Almeida, quanto com Bento Gonçalves da Silva. Uma aliança que se manteria ao longo de todo o período farroupilha, influenciando nos cargos ocupados por Mattos, bem como sua manutenção no grupo da maioria¹⁷. Vale lembrar que quando Proclamada a República¹⁸, Bento Gonçalves tinha ao seu lado o carioca Mattos e o mineiro Almeida como seus Ministros, o que causou desgosto entre outros membros do movimento farrapo, que, ironicamente, os chamavam de “Ministros prediletos”¹⁹. Almeida foi Ministro da Fazenda e do Interior, e Mattos Ministro da Guerra, da Marinha e do Exterior.

Em um Manifesto dos Deputados da minoria da Assembleia Constituinte e Legislativa da República Rio-Grandense de 1843, atacam diretamente Bento Gonçalves por suas escolhas, ficando explícito neste fragmento o desgosto dos deputados:

[...] chamando para seus Ministros, com exclusão de rio-grandenses honrados e beneméritos, um fluminense geralmente aborrecido por sua filúcia desmedida e gênio intrigante e um mineiro desconceituado do público por

¹⁵ Correspondência do Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRGS), CV- 5677, 29 de outubro de 1833.

¹⁶ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 5067, 31 de julho de 1895.

¹⁷ A elite do movimento farroupilha apresentou divisões internas no que se refere a interesses políticos e ideológicos, ficando conhecidos então pelo grupo da maioria, representado por nomes como Bento Gonçalves da Silva, Domingos de Almeida, José Marianno de Mattos, e o grupo da minoria, do qual faziam parte Antonio Vicente da Fontoura, Onofre Pires e Canabarro.

¹⁸ A República Rio-Grandense foi proclamada em 11 de setembro de 1836 pelo General Antônio de Souza Neto, após a vitória obtida pelos farroupilhas na Batalha do Seival.

¹⁹ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 2371, Manifesto dos Deputados da minoria da Assembleia Constituinte e Legislativa da República Rio-Grandense, 18 de fevereiro de 1843.

seu gênio colérico, arrebatamentos despóticos, crassá ignorância e má nota de confundir com os seus os bens do Estado [...].²⁰

Utilizando-se de diferentes argumentos para caracterizar o fluminense Mattos como egoísta e genioso e o mineiro Almeida como despreparado, ignorante e até mesmo ladrão, esse Manifesto pode ser considerado um reflexo de como a presença destes Ministros eram compreendidas e recebidas pelos demais membros da Assembleia.

O grupo dos farrapos nunca se apresentou como um grupo homogêneo, havendo uma forte divisão política e ideológica entre os seus membros. O grupo da maioria, composto, entre outros, por Bento Gonçalves, José Marianno de Mattos, Domingos de Almeida e Antônio de Souza Neto, defendia um projeto de independência para o Rio Grande do Sul em relação ao Império do Brasil, propondo um federalismo enquanto Confederação. Já o grupo denominado de minoria era representado principalmente por David Canabarro e Vicente da Fontoura, e esteve no comando da Revolução a partir, especialmente, de 1843. Possuindo um caráter reformista, pois defendia um federalismo enquanto descentralização administrativa do Império, foi esse o grupo que coordenou o acordo de paz – a paz de Ponche Verde²¹.

Mas, se analisarmos as cartas trocadas principalmente entre Almeida e Mattos, compreendemos parte dos vínculos por estes criados e as redes de relações em que estes estavam inseridos. Mattos e Almeida, desde o início da Revolução Farroupilha, sempre foram muito próximos. Almeida esteve envolvido com os assuntos pessoais de Mattos, sendo um “grande” amigo da família.

Segundo Imizcoz e Korta (2010: 32), em *Economia doméstica y redes sociales: una propuesta metodológica*, os laços de amizade se apresentam como fortes e importantes vínculos, uma vez que:

Entre los amigos existían una serie de obligaciones hasta cierto punto similares las que se establecían entre parientes, en las que la reciprocidad y la mutua confianza parecían jugar un papel destacado y que daban lugar a un intercambio de favores y servicios. Como en el caso de los parientes, las amistades más operativas eran relaciones estables, que se incardinaban en un intercambio continuado y que formaban parte de los lazos fuertes de la familia.

²⁰ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 2371, Manifesto dos Deputados da minoria da Assembleia Constituinte e Legislativa da República Rio-Grandense, 18 de fevereiro de 1843.

²¹ Conceito trabalhado de forma mais aprofundada no livro: PADOIN, Maria Medianeira. **O federalismo gaúcho** – fronteira platina, direito e revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

Essa amizade e a proximidade existente entre Almeida e Mattos se tornam presentes nas correspondências trocadas no período em que Mattos se encontrava distante de casa devido às exigências da Revolução, no qual sua família se via necessitada, recorrendo, na maioria das vezes, ao então amigo Almeida.

Casado com Isabel Leonor Meireles de Mattos, uma rio-grandense, José Mariano de Matos permaneceu no Rio Grande do Sul até os anos finais da Revolução, junto com sua família, que somava um total de 30 pessoas, a qual contava, junto à família de sua mãe²², Ana Flávia de Mattos.

Em carta escrita por Isabel Leonor de Mattos, em 1841, destinada a Almeida, encontramos fortes indícios dessa relação:

Recebi sua apreciável carta que me dirigiu de Bagé, na qual me responde a uma das que lhe tenho escrito. Não creia que eu acredito em suas intrigas, pois bem conheço o marido que tenho; o que me tem aflito bastante é a demora dele e as grandes faltas que tenho sofrido, pois durante sua ausência nenhum recurso tenho tido. A ordem de V. Exma. fez-me favor remeter ai lhe devolvo, pois a quem vinha dirigida disse decididamente que não cumpria e que não queria. Mas mesmo assim muito lhe agradeço a sua lembrança, pois foi o único amigo do Matos²³ que de mim se lembrou. Minha sogra muito lhe agradece suas recomendações e muito se recomenda, e V. Exma. disponha com franqueza do pouco préstimo de sua amiga muito obrigada.²⁴

Através dessa carta observamos um pouco da realidade então vivenciada pela família de Mattos, que se encontrava, em algumas situações, bastante desprovida financeiramente, encontrando em Almeida a possibilidade de algum auxílio, uma vez que, como consta na carta, este teria sido o único amigo de Mattos que disponibilizou ajuda.

Domingos José de Almeida, além de amigo, foi testemunha do casamento de Mattos e Isabel, ocorrido no ano de 1840, em Caçapava do Sul²⁵, colaborando para o estreitamento dos laços entre estes dois farroupilhas. Importante lembrar que esse vínculo, por eles estabelecido quando Mattos e Isabel optaram por essa testemunha, fez parte de uma escolha, que, segundo Mateo (2001: 55), “[...] deve ser explicada não só em função do ritual, mas também das relações sociais que estas geram”.

²² Correspondência do Acervo do AHRGS, CV -5818, s/data.

²³ Os documentos referentes a José Mariano de Mattos divergem quanto à escrita de seu sobrenome, que pode ser apresentado como Matos ou como Mattos.

²⁴ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 5756, 16 de agosto de 1841.

²⁵ Informação obtida através do registro de matrimônio, que se encontra na Cúria de Cachoeira do Sul/RS.

Mas o contato com a família de Mattos também era mantido com outros membros, como a mãe de Mattos, uma vez que seu marido, também chamado José Marianno, era falecido, necessitando esta do constante apoio de seu filho. Essa relação de amizade mantida entre Mattos e Almeida foi um importante meio de superar algumas questões que se apresentaram ao longo da Revolução Farroupilha, onde ajudas e trocas de favores eram constantes.

Almeida se corresponde mais frequentemente com a família de Mattos no período em que este se encontra no Uruguai, onde desempenhou a função de intermediário, sendo um representante da República Rio-Grandense nos assuntos do Prata²⁶. Luis Briano, único irmão homem de José Marianno, também manteve contato com Almeida. Embora não ocupasse cargos tão destacados socialmente como Mattos, também esteve a par e sofreu as consequências do processo político-econômico que então se instaurava.

Ciente das críticas feitas pelos então rio-grandenses aos indivíduos que não seriam filhos desta “República” Luis Briano as deixa evidentes a Almeida em uma carta datada do dia 14 de agosto de 1842, onde ressalta o provincialismo existente em relação ao acesso a cargos neste período: “V. Exa. considerado no Sº 5º [sic] como me acho eu, e todos os dias esperando ser demitido do emprego por não ser filho do Rio Grande, pois a ordem do dia é o provincialismo, e pregado pelos grandes”²⁷.Essas e outras questões evidenciam como o fato de Mattos conseguir se manter em determinados cargos era uma tarefa bastante difícil e amplamente criticada pelos demais membros do movimento farrapo. A essa situação José Marianno de Mattos faz referência em uma correspondência a Almeida:

Meu amigo Almeida. Já vi tudo e antes quisera ignorar tudo. Sim, eu não veria tão patente a sorte que espera ao pobre Carioca; mas um Carioca que tendo, como o meu amigo, em sua consciência o prêmio do pouco ou muito que haja feito, sabe desprezar esses espíritos baixos e mesquinhos se conseqüente. Seu amigo antigo e obrigado companheiro. (a)Mattos.²⁸

Mas nessas críticas Mattos não estava sozinho. Na mesma situação encontrava-

²⁶ Observamos ao longo das fontes que o círculo de relações de Mattos ultrapassou as fronteiras da então República Rio-Grandense, onde, ao entrar em contato com a região do Prata, estabeleceu novos e importantes vínculos com figuras políticas da região. Designado como Ministro Plenipotenciário, durante o período em que assumiu a Presidência da República, com sede na então Piratini, Mattos foi enviado para estabelecer contato com Rivera e assim estimular uma relação de “amizade” e ajuda mútua.

²⁷ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV- 5836, 14 de agosto de 1842.

²⁸ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 2127, s/ data.

se Almeida (mineiro) e muitos outros farroupilhas que mantiveram-se, na medida do possível, firmes em relação a essas questões. Sendo ambos Ministros da então República Rio-Grandense se uniram em prol de seus interesses e negócios.

Essa relação pode ser melhor compreendida levando em consideração os estudos de Imizcoz e Korta (2010: 33), que, ao se referirem à importância dos laços de amizade entre membros da elite, destacaram a influência e o peso desta relação:

Además, en el caso de las elites, las relaciones de amistad que los miembros de las familias pudieron a lo largo de sus trayectorias tuvieron una utilidad evidente a la hora de acceder a diferentes recursos. Por medio de ellas renovaban y ampliaban las alianzas familiares y esas amistades alimentaron unas redes de amplio alcance que trascendían el marco de la familia y del parentesco, abriendo el acceso a fuentes de riqueza y de poder a los que los miembros de la parentela no llegaban por a si mismos.

O contato mantido entre Almeida e Mattos no que se refere aos assuntos da República eram constantes. Cartas evidenciam a comunicação frequente entre os então Ministros e como algumas das decisões, mesmo que fossem ditadas por Almeida, tinham por trás a opinião de Mattos.

Outro assunto por eles discutido é a questão do acesso a determinados cargos durante esse período. Em correspondência para Mattos, Almeida coloca: “Exmo. Amigo. V. Ex^a. deve escrever de minha parte a Loureiro para o fim que sabe oferecendo-lhe o posto de Coronel da República, comando da Fronteira de Missões.”. Mas a oferta de cargos acontecia também, e principalmente, entre a liderança da Revolução Farroupilha. Em correspondência do dia 9 de dezembro de 1841, José Marianno de Mattos recusa o “convite” feito por Domingos José de Almeida para ocupar o cargo de Ministro das Repartições do Interior, Justiça e Fazenda, constatada no fragmento:

[...] devo então dizer a V. Ex^a., com a franqueza que me é própria, que estou firmemente resolvido a não aceitar mesmo interinamente um emprego para que não tenho suficiente aptidão, e neste caso me considero, e realmente o estou a respeito do Ministério das Repartições do Interior, Justiça e Fazenda que V. Exa. pretende deixar.²⁹

Mesmo tendo recusado a oferta, esses escritos destacam a importância da relação

²⁹ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 5793, 9 de dezembro de 1841.

e dos cargos então em negociação. Através dessas informações compreendemos um pouco do jogo de poder que acontecia nesse período e como o acesso a determinados cargos era influenciado pelo grupo em que se estava inserido. Dessa forma, as acusações dos membros da minoria teriam alguma procedência, visto que existia, como já mencionamos, uma grande divergência de interesses dentro da elite farroupilha, fazendo com que os grupos estabelecidos se fechassem em torno de interesses comuns e oferecessem apoio e proteção. A união entre os membros do grupo da maioria, principalmente Bento Gonçalves, Almeida e Mattos, se fez presente durante praticamente todo o movimento.

A trajetória traçada por José Marianno de Mattos na Revolução Farroupilha foi motivo, como evidenciam fontes documentais, de descontentamento por parte de alguns membros do movimento farrapo e de desavenças que este conquistou ao longo dos anos. Apontado por Fontoura³⁰ (1984:33), como sendo “o monstro dos monstros”, Mattos foi fortemente criticado por este, que utilizava-se nas correspondências da sua condição de mulato, para discriminá-lo e assim diminuir sua força/ideologia política.

Fontoura (1984: 56) ainda faz comparações ao tipo físico de Mattos, quando menciona que este “[...] encolhia os ombros e mesmo naquela sua forma de orangotango, afetava certos sinais de desaprovação para não descair da graça do seu pupilo Jardim, a quem via tenaz recusar a pílula.”³¹

Através da fala desse personagem torna-se evidente o sentimento de inconformidade que deixa transparecer ao se referir a Mattos em posições consideradas de destaque socialmente. Fontoura não economiza suas críticas e as dirige a Mattos, sempre o diminuindo, mesmo este estando em uma posição semelhante a sua no movimento ou, em outros momentos, em situações de maior prestígio.

Nos anos finais da Farroupilha, José Marianno de Mattos acabou sendo preso e enviado ao Rio de Janeiro, mas conseguiu ser readmitido, sendo incorporado novamente às forças militares imperiais. Nomeado Tenente Coronel, Mattos ainda retornou às terras do Sul, uma vez que foi mandado servir nesta região no período de junho de 1851, retornando em agosto de 1852, e na mesma época ainda participou da Guerra

³⁰ As cartas de Antônio Vicente da Fontoura, escritas entre 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845, tendo como destinatário sua esposa Clarinda, foram publicadas em forma de diário, em 1984 em parceria pelas editoras EDUCS, Sulina e Martins. Envolvidas por um tom pessoal, as cartas de Fontoura trazem relatos de um importante membro da Farroupilha, que também foi Ministro da Fazenda e um dos negociadores da Paz (1845).

³¹ Pontas do Ibicuí, 12 de março de 1844.

entre Oribes e Rosas (1851-1852), como Ajudante-Geral do Exército sob o comando de Caxias.

Mas a sua ligação novamente com o Império não fez com que Mattos perdesse os vínculos com os “amigos” rio-grandenses. Pelo contrário, no ano de 1852 (período em que Mattos teve uma breve passagem pela Província de São Pedro), a rede ainda se fez presente, articulando-se para a candidatura à Assembleia Geral do agora Tenente Coronel José Marianno de Mattos.

Esse contato aparece em correspondências trocadas entre Domingos de Almeida e Vicente Lucas de Oliveira Junior. Esse último escreve:

[...] vou aproveitar, cientificando-lhe que tomo na devida consideração a candidatura a Assembléia geral do Tenente Coronel José Mariano de Mattos, recomendada por V. Sa. e estou certo que se, como espero, o partido nacional triunfar aqui nas próximas eleições primárias, os eleitores deste colégio concordarão comigo que ele reúne as precisas habilitações para bem representar a província³².

Através dessa carta obervamos como Mattos continuava acionando o seu grupo quando necessário, mantendo os seus vínculos e seus “amigos” mesmo após o final da Revolução Farroupilha.

Um exemplo disso, é o pedido feito por Almeida a Mattos em julho de 1851, para que este interceda por seus filhos junto ao Exército. Em carta destinada a Mattos, ao expor a situação de seu filho Luis Felipe de Almeida, então Sargento, solicita um favor a Mattos:

Em consequencia parte o dito Sr. Sargento para o Exército, de onde talvez volte um Coronel, se não deixar a casca em alguma sanga ou coxilha. Por isso é indispensável que V.Mcê. o apresente ao Exmo. Sr. Conde e o tome debaixo de sua proteção, tratando-o como pupilo seu. Ele escreve melhor que o pai, copia corretamente, redige sua cartinha, traduz o francês como as suas ventas para aplicar-se mais à leitura dos jornais da opposição: bem vê que na falta de melhores, com tais habilitações, pode ser empregado onde não esteja todos os dias em exercício, piquete, guardas de campo avançadas, etc...etc...etc..mas se isso empacá-lo na carreira deixe-o nela prosseguir, porque tenho esperanças de vê-lo **homem gente**, [grifo nosso] como dizia o Manuel de Souza Catapregos de minha terra³³.

Além de pedir proteção para seu filho, Almeida aproveita a oportunidade e solicita a atenção de Mattos com o seu cunhado e afilhado Modesto Rodrigues Barcelos.

³² Correspondência do Acervo do AHRGS, CV –6858, 24 de setembro de 1852..

³³ Correspondência do Acervo do AHRGS, CV – 664, 20 de julho de 1851.

Segundo Almeida, “o pobre ainda está em Cabo raso, e creio que nunca chegará a Capitão”, mas mesmo assim solicita que Mattos dispense a ele também os seus favores, um pedido que é feito, segundo Almeida, do “Velho camarada e fiel amigo”.

A escrita de Almeida, embora possa parecer um pedido simples a um amigo de longa data, traz com ela uma importante compreensão do papel de José Marianno de Mattos na sociedade desse período e da transformação que este sofreu ao longo dos círculos sociais com os quais entrou em contato. Através dessa correspondência, evidencia-se, assim, a consciência dos antigos aliados políticos da posição ocupada por Mattos e como se utilizaram desta situação para acionar uma “troca de favores”.

Desta forma, o presente artigo, ao destacar a trajetória de José Marianno de Mattos no movimento farrapo e os espaços por este ocupado ao longo dos anos, busca trazer alguns apontamentos a respeito de como os laços estabelecidos por este personagem, foram elementos importantes para as suas frequentes ascensões.

Conseguindo alcançar o cargo de Ministro da Guerra do Império em 1864, Mattos se apresentava não apenas como o farrapo que conseguiria ocupar um lugar de prestígio e de poder para o período, mas como um indivíduo que soube, através de diferentes espaços, criar oportunidades, estabelecer alianças, e sempre quando necessário, estreitar vínculos.

Referências Bibliográficas

BAKOS, Margaret Marchiori. (1985). “A escravidão negra e os farrapos”. In: DACANAL, José Hildebrando (org.) e outros. *A Revolução Farroupilha: História e Interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto. pp. 79-97.

BOURDIEU, Pierre. (1996). A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moares. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

FLORES, Moacyr. (2004). *Negros na Revolução Farroupilha: Traição em Porongos e farsa em Ponche Verde*. Porto Alegre: EST, (Raízes africanas; v. 4).

FONTOURA, Antônio Vicente da. (1984). *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Porto Alegre: Sulina/Martins, Caxias do Sul: EDUCS.

GOMES, Angela de Castro. (2004). “Escrita de si, escritas da História: as título de prólogo”. In: _____. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV.

IMÍZCOZ, José Maria. (2004). “Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global”. *Revista da Faculdade de Letras-História*, III Série, volumen 5, Porto.

IMÍZCOZ, José Maria; KORTA, Oihane Oliveri. (2010). “Economia Doméstica y Redes Sociales: Una propuesta metodológica”. In: IMÍZCOZ, José Maria; KORTA, Oihane Oliveri (org.). *Economia Doméstica y Redes Sociales en el Antiguo Régimen*, Madri: Sílex. pp. 15-51.

LEVI, Giovanni. (1992). “Sobre a micro-História”. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP. pp. 133-161.

MARQUES, Leticia Rosa. (2013). *José Marianno de Mattos: Conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha 1835-1845*. 117f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MATEO, José. (2001). *Población, parentesco y red social en la frontera*. Lobos (provincia de Buenos Aires) en el siglo XIX. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata.

OLIVEIRA, Vinícius Pereira de; CARVALHO, Daniela Vallandro de. (2009). “Os lanceiros Francisco Cabinda, João aleijado, preto Antonio e outros personagens negros da Guerra dos Farrapos.” In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos. *RS Negro – Cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Dados eletrônicos.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1993) *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*. 2 ed. Campinas: UNICAMP.

PADOIN, Maria Medianeira. (2001). *Federalismo Gaúcho – Fronteira Platina, Direito e Revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy.(1985). “Farrapos, Liberalismo e Ideologia”. In: DACANAL, José Hildebrando (org). *A Revolução Farroupilha: História e Interpretação*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. p.5-29.

REVEL, Jacques. (1998). “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.

SILVA, Juremir Machado da. (2010). *História regional da infâmia: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)*. 2. ed. Porto Alegre, RS: L&PM.

SOBOUL, Albert. (1967). “Descrição e medida em história social”. In: *A história social – problemas, fontes e métodos*. Lisboa: Edições Cosmos.

SOUZA, Adriana Barreto de. (1999). *O Exército na consolidação do Império: Um estudo histórico sobre política militar conservadora*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.